

# PROGRAMAÇÃO TEATRAL

## Opinião popular X teatro: Uma relação inexistente

A opinião popular assume sempre uma condição de muita importância quando se quer falar em arte ou em qualquer manifestação específica dela. Mas, para que a opinião popular seja levada em conta, o óbvio é que ela tem de existir, o que não é uma realidade com relação ao teatro. O Carlos Gomes, para a grande maioria, é apenas uma casa de arquitetura antiga; com cartazes à frente; lugar onde há shows musicais; lugar de exposições. Não existe uma opinião pública capixaba em relação ao teatro: talvez seja esta a opinião, o que em resumo quer dizer que alguma coisa está errada.

As opiniões colhidas na rua, entre gente comum, estudantes e trabalhadores, homens e mulheres, tiveram, na grande maioria dos casos, diálogos assim:

— Costuma ir algumas vezes ao Teatro Carlos Gomes?

- Não
- Por quê?
- Não tenho tempo.
- Trabalha à noite?
- Não, mas não gosto de teatro.

— Como sabe que não gosta se não vai?

Diante dessa pergunta começavam as explicações um tanto artificiais: Cinema é melhor; teatro é muito caro, etc. Alguns respondiam, talvez com mais honestidade, que nem sabiam existir qualquer coisa de teatro em Vitória. Se o povo mal sabe que há peças chegando de fora para cá, sabe muito menos que existe alguma coisa de teatro sendo feita aqui.

Enfim, a opinião pública fornece poucos subsídios, dentre eles, esses. O cinema é mais popular; o ar austero do Teatro Carlos Gomes afugenta; os preços são caros, o que é curioso o povo saber, parecendo apenas uma intuição acertada, partindo da observação do Carlos Gomes — a construção, as luzes, os cartazes — e dos privilegiados que o frequentam para mostrar o último tipo de vestido ou ternô: o povo não vai, mas percebe quem pode ir. Para os poucos que frequentam o Carlos Gomes, são preferi-

veis os shows musicais, tipo Martinho da Vila — o teatro ainda não tem ídolos. Alguns tipos populares mais raros ainda dizem ser o teatro maçante, em contraste com o cinema que é mais dinâmico. A conclusão geral que se tem é de uma ignorância total, talvez fomentada pelo fato de o povo nunca ter sentido que o Teatro Carlos Gomes seja uma casa também para ele. Na voz do povo, duas opiniões um pouco mais animadoras:

Florestano Antônio Pedrolli — estudante do 2º ciclo: Acha boa a programação e vai às vezes. Os preços poderiam ser menores, para atrair mais gente. O povo não gosta tanto de teatro e mais de cinema porque é bitolado. A programação poderia ser melhor, tudo no sentido de atingir o gosto popular.

Hélio Vieira de Miranda — funcionário público federal: Antigamente era frequentador assíduo do teatro, especialmente para ver companhia de ópera. Em Vitória está faltando muita vida artística e o Governo deveria fomentá-la para educar a rapaziada, que está sem opções. Costuma levar o filho ao teatro da escola, para educá-lo nesse sentido. Acharia importante a criação de uma orquestra sinfônica no Estado — o que, aliás, diz ser promessa ainda não cumprida do governador. Devido à falta de um ambiente cultural, o povo é atraído para os cinemas e acaba vendo filmes péssimos, onde até os títulos contêm erros de português e são apelativos. O teatro deve estar ao alcance econômico do povo, caso contrário nunca se tornará popular.

O ator Bob de Paula, do Grupo da Barra, indagado sobre a programação teatral do Teatro Carlos Gomes, pergunta "Qual será o critério na escolha das importações?". Ele sugere que as temporadas sejam mais longas para as peças locais e também não entende porque as peças mais importantes no Brasil não venham a Vitória. Eis o seu depoimento:

"As atividades teatrais e artísticas programadas pela Fundação Cultural, sob a direção da Professora Beatriz Abaurre,

foram, durante este ano de 1976, um pouco além das expectativas iniciais, quando se comentava que talvez a referida Sra. dirigiria os esforços daquela entidade mais em torno de atividades musicais. Realmente, o setor musical foi o mais badalado, com o programa **Música para Jovens**, mas também as atividades teatrais locais foram intensificadas de uma maneira não vista em Vitória há muito tempo: Festival da U.F.E.S., peças apresentadas por grupos amadores das escolas de Vitória, Circo da Cultura (?), etc.

Do trabalho de criação de grupos locais de importância regional, só vale ressaltar o trabalho do professor Paulo de Paula — **Ancheta: Depolimento** que trabalhou em cima da cultura do nosso Estado, que tem o hábito de importar cultura, e agora tem algo para exportar; Milson Henriques, insistente e bem sucedido em todos os seus trabalhos e que ainda vai terminar o ano com um presente de Natal cultural para a cidade, com **Papal Noel no Bang-Bang**.

A criação e realização (**Capeta**) do Teatro Estúdio, veio mostrar que temos muitos atores, em potencial, à procura de um diretor.

Importamos muitas peças boas durante a temporada, porém, muitas peças importantes para o público deixaram de ser apresentadas (**EQQUUS, FILHOS DE KENNEDY...**). Qual será o critério na escolha das importações?

Uma coisa que seria interessante incubar seria fazer as temporadas mais longas para as peças locais. Geralmente, um grupo ensaia um trabalho de três a seis meses para ser apresentado apenas durante um fim de semana no Teatro Carlos Gomes. Pode-se dizer que não há público, mas público se cria, e com insistência.

De um modo geral, o povo capixaba tem se mostrado mais interessado e participante nas atividades culturais, por isso devemos intensificar mais e mais, mostrar mais e mais, para que o povo se habitue, e comece realmente a frequentar teatro. Teatro é povo".

A programação teatral do Teatro Carlos Gomes é a ideal? Nesta página está a opinião de populares, de um ator e dos críticos especializados. O debate pretende mostrar ao público os motivos da direção do Teatro Carlos Gomes e a opinião dos críticos e povo, a respeito do assunto. O crítico Amylton de Almeida atribui a situação a um "critério pessoal na seleção das peças". Nós temos teatro?



### TEATRO NÃO EXISTE

Erildo dos Anjos,  
editor do Caderno Dois

Na semana passada, eu escrevi que teatro não existe em Vitória. Expliquei que a programação teatral do Teatro Carlos Gomes era péssima, apesar de reconhecer o esforço da Fundação Cultural, através de Beatriz Abaurre, Delton Souza, Toninho Neves e Afonso Abreu, em lutarem para conseguir uma ambientação teatral local. A Fundação, por intermédio do Delton Souza, que é o coordenador de teatro, argumenta que as peças importadas do Rio ou São Paulo dão prejuízo, na maioria das vezes e que apenas para manter o teatro funcionando durante um dia, a Fundação gasta Cr\$ 1.200,00. Bom, está tudo muito bom.

Compreendô que a situação não é fácil de se resolver, mas isto apenas confirma que teatro não existe em Vitória. Um teatro local, é a longo prazo e deve demorar no mínimo 10 anos, para formação de público, atores, diretores, roteiristas, etc. E nós? Eu quero assistir a boas peças. Sou um espectador. Sou como milhares de pessoas que

querem ver peças importantes. E só sair por aí perguntando às pessoas. Todos irão dizer: "É lógico que queremos ver boas peças". É a função do Teatro, para o povo, é esta. Ou seria outra? O Teatro Estúdio é uma excelente idéia do Toninho Neves (parece-me que é dele), mas enquanto isto não acontece, a programação para o público tem que ser boa. Não é ficar justificando: "Estamos fazendo um teatro local". E o resto? Ah, o resto espera o nosso teatro, a nossa cultura. Tá muito bom.

E o pior, teatro é uma coisa muito importante para o povo, que não está nem sabendo se ele existe (veja matéria da última página). Se a opinião pública o desconhece, ele não existe.

Acho que se alguém precisa de alguma coisa para passar o tempo, mulheres, praia, ver o clássico Rio Branco e Desportiva são melhores do que tolas discussões sobre teatro. Mas se alguém pretende mesmo trabalhar para o teatro no Estado, então que saia

a campo para primeiro fazê-lo nascer, fazendo com que o povo saiba que ele existe. Aí, a primeira função dos responsáveis pela nossa cultura: aproximar o artista do indivíduo. Se alguém está interessado em teatro, sua missão deverá fazer com que, cada vez mais, mais pessoas se interessem por ele e não discutir e atacar outros que talvez, até estejam engajados na mesma luta. Dja haverá em Vitória em que as pessoas se preocuparão mais com o seu próprio trabalho. Por enquanto não existem profissionais em nada; o que existe são competidores por prestígio ou salários. A fofoca e o estrelismo, próprio dos artistas, ainda é mais forte. Talvez por simples falta de talento, o mais importante.